

HISTÓRIA AMBIENTAL DO MORRO DO CÉU¹

Declev Reynier Dib-Ferreira

<http://diariodoprofessor.com>

Referência:

DIB-FERREIRA, Declev Reynier. *História Ambiental do Morro do Céu*. In MATA, Speranza França da., et al. (orgs). **Educação ambiental**: Projetos do Século. Rio de Janeiro: MZ Editora, 2001.

INTRODUÇÃO

Como professor da Escola Municipal José de Anchieta, localizada na região do Morro do Céu, Caramujo, Niterói, sempre me inquietou e incomodou a presença, a cerca de 500 metros, do vazadouro de lixo da cidade. Através de relatos de diversas professoras e alunos fui descobrindo que muitos destes freqüentam o local, junto com a família, à cata de materiais para vender ou comida para própria alimentação.

O problema da produção de lixo não é novo para o ser humano, porém vem sendo continuamente agigantado em decorrência do aumento da população e da industrialização. Antes desta, o tipo de lixo produzido pelo homem se resumia, praticamente, aos orgânicos, e este sendo biodegradável não se acumula no solo, podendo a própria natureza reciclá-lo. Com o avanço do processo de industrialização, houve um grande aumento na produção de resíduos, além de uma modificação de suas características. Na década de 60, por exemplo, temos o surgimento do plástico, que substitui gradativamente alguns materiais, diminuindo a participação da matéria orgânica (Mahler, 2001).

Em Niterói, a área do antigo lixão foi aposentada, e em regime de urgência teve que se encontrar uma nova área para despejar todo o resíduo sólido produzido pela cidade. A área escolhida foi na região do Morro do Céu, no Caramujo.

¹ Trabalho apresentado no *X Seminário de Educação Ambiental*, ocorrido no Instituto Militar de Engenharia, Rio de Janeiro, em novembro de 2001. Baseado em minha monografia de especialização:

(<http://diariodoprofessor.com/2007/10/18/monografia-historia-ambiental-do-morro-do-ceu/>).

Obs.: de lá pra cá muita coisa mudou, especialmente minha visão do lixo hospitalar, dentre outros aspectos. Porém, as propostas continuam extremamente atuais...

OBJETIVOS

Como foi o processo de instalação da lixeira neste local, que mudanças trouxe para a região e seus moradores e quais as atuações dos diversos atores sociais que se relacionaram e ainda se relacionam com a mesma, são as questões que procuramos responder com esse trabalho.

METODOLOGIA

A principal forma utilizada de resgate desta história foi o depoimento oral, em forma de entrevista parcialmente estruturada e não diretiva (Valle et al., 2000). Foram ouvidas pessoas de todos os setores: moradores, políticos, funcionários da empresa de limpeza municipal responsável pelo lixão, associação de moradores, federação das associações de moradores, sindicato, trabalhos sociais atuantes na área, órgãos da prefeitura e Estado. Buscamos informações documentais, como em artigos de jornais e revistas, documentos e fotos pessoais, além de pesquisas universitárias sobre a região.

O MORRO DO CÉU

A região do Morro do Céu é parte da encosta interna do maciço cristalino de Niterói, distribuindo-se, além do bairro do Caramujo, pelos bairros de Ititioca e Viçoso Jardim. Localiza-se em uma área dominada por colinas, apresentando altitudes de 200 a 300 metros. Existem córregos e nascentes na região, influenciados de forma direta ou indireta pelo lixão, como a nascente do rio Mata-Paca, que formam mais tarde o Rio Sapê, que passa pelo município vizinho de São Gonçalo e desemboca na Baía de Guanabara. A região possui ainda áreas de floresta secundária bem desenvolvida, com aspecto de mata virgem (Sisinno, 1995).

A LIXEIRA

O vazadouro de lixo do Morro do Céu possui uma área de aproximadamente 200.000 m². Estima-se que no município de Niterói, onde cerca de 87% da população é servida de sistema de coleta de lixo, sejam gerados cerca de 550 a 700 ton/dia de resíduos sólidos (Niterói, 1992 e <http://www.clin.rj.gov.br/> - 28 de julho de 2001)

A ÁREA ANTES DA LIXEIRA

A área antes da implantação da lixeira era uma região de colinas, apresentando vales recobertos por vegetação. Havia a predominância de sítios, com casas esparsas. Não havia saneamento, asfalto ou qualquer beneficiamento do poder público. Em todos os depoimentos, a descrição daqueles que a conheciam anteriormente é sempre a mesma: uma área verde, muito arborizada (como ainda o é em certos trechos), com muitos animais e recursos naturais. O Morro do Céu é uma região em que existiam muitos poços e nascentes. Estes foram citados várias vezes em entrevistas, como uma prova de como era a área, de como era rica em seus recursos naturais, especialmente a água. Segundo um entrevistado: “...o Morro do Céu antigamente era um lugar muito bonito... é por isso que tem esse nome: Morro do Céu.”

IMPLANTAÇÃO DA LIXEIRA

Com o término da vida útil do lixão de Viçoso Jardim em 1981, que recebeu o lixo de Niterói por 15 anos, a prefeitura se viu na incumbência de providenciar outra área para este fim. Foi projetado um aterro sanitário para Niterói e São Gonçalo no bairro do Engenho Pequeno, localizado neste último município (Sisino, 1995). Houve uma precipitação por parte do então prefeito de Niterói, descrita em entrevistas, que fez com que a população local rejeitasse a presença do futuro aterro no local. Não tendo mais a opção de São Gonçalo, a partir de 1982, passou-se a vazar o lixo no Aterro de Gramacho, em Duque de Caxias. Porém, o transporte ficava caro demais. Houve a mudança na prefeitura nesta época, a qual ficou com a responsabilidade de arrumar outro local. Escolheu-se então, no final de 1983, a área do Morro do Céu.

Diversos motivos levaram a escolha deste local. As respostas foram quase unânimes: havia pouca gente e não viam outro lugar. A área escolhida foi em um bairro pobre, no alto de um morro, dentro de um vale (tendo assim muito espaço para colocar o lixo), e onde viviam poucas pessoas. Um local de muito sítio, com casas espaçadas. Desta forma, mesmo com protestos, seria muito mais fácil fazê-lo. A prefeitura fez as devidas desapropriações, iniciando por uma propriedade, um sítio, e com o tempo realizando outras em torno, para expansão.

Buscando nas falas de nossos entrevistados os pontos de argumentação utilizados pelo poder público, vemos ser muito recorrentes argumentos do tipo “cada um tem que tratar de seu lixo”, ou “não temos outra escolha”. Um povo quase rural, em pequena quantidade, sendo obrigados a aceitar a produção de lixo de toda uma cidade, porque “o lixo é nosso”. De outra ponta, havia a argumentação de que Niterói não tem outro local disponível para se fazer um aterro, sendo esta

verdade repetida várias vezes nas entrevistas. Estes argumentos são utilizados até hoje nas discussões que existem sobre este problema.

Outro tipo de barganha utilizado na época foram as benfeitorias que a prefeitura fez no local. Foram poucas as melhorias, mas elas foram e são ainda utilizadas como medidas compensatórias pelo poder público, como uma espécie de “troca”.

Cabe citar que, depois que já estava o fato consumado, ou seja, a lixeira já estava sendo iniciada, continuaram e aí realmente intensificaram-se protestos e tentativas de retirada, havendo passeata, mobilizações, reportagens em jornais, fechamentos dos acessos à área. Nesta época, a região já estava recebendo o ingresso dos catadores de lixo. Estes, por de lá retirarem seu sustento, foram a favor da lixeira naquele local, havendo, inclusive, embate com os moradores que queriam a expulsão.

A ÁREA HOJE

Serviços e benfeitorias - Hoje o Morro do Céu é uma área carente de urbanização, saneamento, acesso, entre outros serviços básicos, e sem solução em vista para os seus problemas. Por mais que haja projetos em vista ou em andamento, as opiniões, novamente, são divergentes, e nenhum deles, em nenhum momento, nos disse, com certeza, qual a solução para os impasses. Parece ser uma opinião unânime, mesmo dentro dos representantes da prefeitura e do poder legislativo, que a região recebeu e recebe pouca atenção e benfeitorias dos órgãos públicos. Dentre os ditos benefícios que a região recebeu estão o Posto do Médico de Família, o Centro de Controle de Zoonoses (que é responsável por toda a cidade), a creche, algum asfalto, água e uma linha de ônibus.

Crescimento e favelização - Houve, em 1994, uma remoção de favela do Centro de Niterói (favela Maria Thereza), localizada em São Domingos, e levada para o Morro do Céu, perto de onde se situa o Centro de Controle de Zoonoses. Este fato teve o acompanhamento de um trabalho realizado desde São Domingos pela Teresa Carreiro, do Departamento de Psicologia da UFF - Universidade Federal Fluminense (Carreiro, 1998). Através deste trabalho podemos ter noção em que bases foram feitas as remoções. Segundo uma moradora do local, *“a prefeitura prometeu um monte de coisas e não cumpriu”*. Muitas pessoas migraram para a região, seja em função da lixeira, seja pela da desvalorização que a região sofreu com a vinda desta.

Catadores - Hoje são cerca de 200 catadores, que diariamente, 24h por dia, reviram as montanhas de lixo à cata de materiais recicláveis para vender, além de objetos para suas residências e, até mesmo, comida para o próprio consumo. Teresa Carreiro (1998) cita que existe uma casa na região do Calixto, que foi construída e mobiliada inteiramente com o que foi extraído em meio ao

lixo. Há depoimentos de pessoas que já acharam dinheiro, relógios, cordões, além de eletrodomésticos, como ferros de passar, furadeiras, etc. Pelo relatos deles, um catador pode retirar cerca de R\$ 600,00 por mês ou mais. Hoje há muitas pessoas que não são da região, mas que vêm para garimpar o lixo, sendo que algumas pessoas dizem existir mais da metade dos catadores provenientes do município de São Gonçalo.

Água e chorume - Há pesquisas que atestam a má qualidade da água (Sisinno, 1995). Enquanto isso, o chorume continua sem tratamento, poluindo os poços e os rios por onde passa. Rios estes, mesmo assim utilizados pela população. Há a nascente do Córrego Mata-Paca - encontrada no vale onde está o aterro - que, juntamente com as águas das chuvas e o chorume, formam um pequeno curso d'água que atravessa os fundos de um sítio, fluindo em direção ao leste. Este córrego passa pela Florália (Floricultura) e mais adiante encontra-se com o Rio Sapê, em Santa Bárbara, o qual é utilizado na irrigação de hortas (op. cit). Ele segue seu caminho, passando por Matapaca, Maria Paula, alcança São Gonçalo, passando por Alcântara e desaguando na Baía de Guanabara, sendo um de seus poluidores.

Animais - No Morro do Céu é grande a quantidade de animais que vivem nas ruas ou no interior da lixeira. São bois, porcos, cavalos, cabras, que ali vivem, se alimentando do lixo. Segundo informações, é provável que sejam abatidos e vendidos clandestinamente para consumo humano.

Além disso, o lixo é uma grande fonte de atração de animais como ratos, baratas, moscas, urubus, etc. Por esta razão, os moradores têm problemas com estes animais, sendo a mosca uma reclamação constante. Há ainda depoimentos sobre crianças da escola que foram mordidas por ratos.

Aterramento - Muitos desses problema com animais vêm em decorrência do fato de o lixo ficar a céu aberto por tempo demasiado. Ao que parece, o lixo não é coberto com a frequência que deveria.

Lixo Hospitalar - Este tipo de lixo altamente perigoso fica exposto a céu aberto durante longos períodos de tempo, para depois ser aterrado como lixo comum.

Vegetação - Grande parte da região foi desmatada para dar espaço à lixeira inicial e, com o crescimento, às suas expansões. Mesmo assim, há ainda alguns sítios e pedaços de matas, inclusive no entorno da lixeira.

Odor - O fato da demora para o aterramento do lixo agrava a situação do cheiro do lixo. Pelos relatos, é pior quando faz calor após uma chuva, e chega a ser tão forte que o vento leva para lugares distantes.

Barulho - Visto que a lixeira funciona 24 h por dia e o fluxo de caminhões é constante, a poluição sonora faz com que seja até difícil dormir à noite.

Poeira - Por ter um fluxo de caminhões muito intenso e muitas ruas não asfaltadas, os moradores estão sujeitos a um ar carregado de poeira, o que leva a associação de moradores a pedir à Clin que, nos dias mais secos, molhe as ruas por onde passam os caminhões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todos esses problemas, o poder público aponta algumas soluções que esbarram em questões burocráticas e políticas. A Companhia de Limpeza e a Secretaria de Meio Ambiente da cidade anunciam o crescimento da coleta seletiva de lixo, através dos PEV (Postos de Entrega Voluntária), que porém, são ainda incipientes frente ao volume de lixo da cidade. O Estado, através do Programa de Despoluição da Baía de Guanabara (PDBG) iniciou a construção de duas usinas (incineração de lixo hospitalar e de separação e compostagem), mas estão com as obras paralisadas. O chorume tem solução técnica, como enviar de carro pipa para uma Estação de Tratamento de Esgotos, mas não encontraram meios de viabilizar. Como se vê, a cada solução existem outros problemas que emperram uma solução definitiva e, segundo informações em todos os órgãos públicos envolvidos, a lixeira só tem mais cerca de dois anos de vida útil.

Uma das grandes preocupações dos entrevistados que convivem diretamente com o lixo é o fato de que um novo aterro, em outro lugar, irá impactar outra área, resultando em desmatamentos, poluição e todos os problemas de um lixo, que eles já conhecem e convivem em sua vida.

Muitas foram as lutas e os protestos da população, embora houvesse pessoas que aceitaram a idéia logo de princípio, seja movidos pela intenção de fazer dela o seu sustento (catadores), seja esperando as benfeitorias prometidas pelo poder público. Havia manifestações e fechamentos de ruas. Eles fechavam as entradas, tanto vindo pelo Caramujo, quanto pela Ititioca, iam aos jornais e recebiam apoio de outras entidades e associações. Neste campo de argumentação e medição de força tínhamos, de um lado o poder público, responsável pelo destino de toneladas de lixo diárias e de outro, diversos setores da população que não queriam que a lixeira se instalasse ali, mas que sabiam da necessidade de se descobrir urgente um local para este fim.

Hoje em dia, os moradores, assim como os catadores, se mobilizam e utilizam a própria lixeira como a sua barganha política, fechando o acesso a esta quando quer conseguir algo, fato apontado em diversos depoimentos de moradores e também por Carreteira (1998).

Através dos conflitos para a não instalação da lixeira e para sua desativação, que ainda continuam, podemos nos perguntar se isso, mesmo que inconscientemente, não é, dos moradores, um movimento ambiental. Pelo fato de demonstrarem saber exatamente quais os problemas que a lixeira pode trazer e pela preocupação que trazem consigo de que não basta transferir a lixeira para

outro local, pois implicaria em novos impactos, cremos se tratar também, além da preocupação com seu próprio bem estar, de uma luta a favor do meio ambiente.

PROPOSTAS

Diante do quadro exposto de degradação de um lindo lugar e de sucessões de problemas, apenas podemos concluir que é urgente a busca de soluções.

Uma série de atitudes devem ser tomadas, a fim de produzir um menor impacto sobre o meio ambiente e dar uma melhor qualidade de vida à população que é obrigada a viver em seu entorno:

- O tratamento adequado do chorume;
- A cobertura total e sistemática do lixo depositado;
- O reflorestamento nas áreas em torno do vazadouro e outras que sejam possíveis;
- A proteção total dos resquícios de mata que existem na região;
- A devolução das áreas já seladas e aterradas para a região, em forma de quadras esportivas, parques ou outros;
- O aproveitamento do gás natural produzido pela decomposição do lixo;
- Um programa efetivo de controle de proliferação de vetores;
- O controle da população animal que se alimenta do lixo;
- O funcionamento urgente das usinas;
- A organização dos catadores em cooperativa e o treinamento para utilização de sua mão-de-obra nas usinas;
- A ampliação e intensificação da coleta seletiva em todo o município;
- A urbanização da região, com paralelepípedos, calçamento, saneamento básico, entre outros;
- A divulgação dos acontecimentos e discussões com os moradores, com vistas à sua efetiva participação em todos os processos.
- A Educação Ambiental ininterrupta, envolvendo escolas, moradores, associações, condomínios, instituições e qualquer outra forma de agrupamentos de pessoas, em toda a cidade, para a formação de uma mentalidade e cultura de defesa do meio ambiente e preocupação com o bem-estar de toda a população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARRETEIRA, Tereza. **Projeto Integrado de Pesquisa: História e Memória Comunitária**. Depto. de Psicologia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1998.
- COMLURB. **Análise Gravimétrica do Lixo da Cidade do Rio de Janeiro (Série Histórica)**. Rio de Janeiro, Comlurb, 2000.
- FUCKS, Mario. *Arenas de Ação e Debates Públicos: Conflitos Ambientais e a Emergência do Meio Ambiente enquanto Problema Social no Rio de Janeiro*. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, Vol. 41, nº 1, 1998, pp. 87 a 114.
- LEITE, F.S.S. *Impacto na Saúde dos Catadores do Lixão da Terra Dura e Estudo Gravimétrico*. **Revista BIO**. Ano II, n3: 48-51, 1990.
- MAHLER, Cláudio. *Tratamento e Disposição dos Resíduos Sólidos Urbanos*. **Revista CREA**. Rio de Janeiro, nº 33, jan/Fev, 2001, p.11.
- NITERÓI. Secretaria Municipal de Ciência e Tecnologia. **Perfil de uma Cidade**. Prefeitura de Niterói, 1999
- NITERÓI. Consultoria Especial de Ciência e Tecnologia. **Niterói Bairros**. Prefeitura de Niterói, 1994.
- NITERÓI. Secretaria de Urbanismo e Meio Ambiente. **Diagnóstico Ambiental de Niterói**. Niterói: Typeset Editoração, 1992.
- PRESSER, Margaret. *Lixo – Concentração de Matéria-Prima*. **BIO**. Julho/Setembro, 1991(?).
- SISINNO, Cristina Lucia Silveira. **Estudo preliminar da contaminação ambiental em área de influência do aterro controlado do Morro do Céu (Niterói - RJ)**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1995.
- VALLE, Bertha Borja Reis et al. *Metodologia da Pesquisa*. **Cadernos Pedagógicos I**. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação, UERJ, 2000